

INES — Uma abordagem multissensorial

*Therezinha Verardo Salles**

O Instituto Nacional de Educação de Surdos foi criado por decreto imperial, em 1857, tendo como finalidade a educação de surdos. No entanto, o atendimento assistencialista prevaleceu durante décadas em relação ao aspecto pedagógico, acompanhando a própria filosofia educacional da época.

Assim, surdos de todo o Brasil e até de alguns países latino-americanos eram encaminhados e deixados por conta da instituição, privados das ricas experiências em família, básicas para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, e usadas como motivação no ensino da linguagem e da fala.

Com uma clientela totalmente diversificada, sem diagnóstico diferencial ou avaliações que traçassem o perfil do aluno, sem recursos adequados e com atendimento tardio, o INES, por influência européia e por atribuição regimental adotou por longo tempo o Método Oral.

Vivenciava-se, então, uma atitude ambivalente de comunicação, aceitando-se e desenvolvendo-se códigos gestuais de comunicação, acentuando-se uma dicotomia entre a teoria e a prática.

Por outro lado, vivenciava-se, também a busca de uma abordagem metodológica adequada à clientela e condizente com as peculiaridades da instituição.

Com o desenvolvimento de estudos científicos e com a implementação da pesquisa, inicia-se uma melhor compreensão e avaliação da deficiência auditiva. O surgimento da audiologia, em 1950, como ciência que estuda a audição, seus desvios, as afecções, as avaliações audiológicas, etc., veio trazer importantes subsídios à Educação Especial, tais como:

- prevenção, detecção e intervenção precoces da surdez;
- avaliação da audição, através de técnicas especiais, possibilitando o exame em crianças de tenra idade;
- uso da prótese auditiva;

— abertura para um trabalho interdisciplinar.

Os subsídios de outras áreas, tais como a psicologia, a sociologia, a fonoaudiologia e a lingüística também deram um novo enfoque à educação especial, facilitando o trabalho com o deficiente auditivo através do conhecimento dos seus aspectos psicológicos, da hipótese da aquisição da linguagem possuir um amplo componente inato, do aparecimento do audiômetro e da sofisticação das próteses auditivas.

A criação, em 1951, dos cursos de formação para professores na área da deficiência auditiva, também permitiram uma maior expansão e melhora na educação do surdo.

No entanto, foi necessário algum tempo para que os profissionais interagissem nas avaliações e diagnósticos e o trabalho com o surdo fosse visto de modo interdisciplinar e orientado no sentido de se considerar as reais possibilidades do portador de deficiência auditiva. Também foi preciso um longo tempo para que o próprio governo se sensibilizasse a respeito dos excepcionais e a educação especial se tornasse prioritária e caracterizada como diferenciada, com objetivos de prevenção, detecção e intervenção precoces.

Assim, em 1975, era implantado no INES o atendimento de educação precoce, permitindo ao surdo ser atendido no período de 0 a 3 anos, "período considerado ótimo para aprendizagens auditivas e lingüísticas" (Fry e Whetnall), possibilitando esta intervenção pedagógica precoce um prognóstico educacional mais favorável ao deficiente auditivo.

O trabalho de orientação, apoio e esclarecimento à família passava a ser um dos objetivos da instituição. Com o desenvolvimento científico, a conscientização do próprio governo e da comunidade em geral, introduzem-se melhoras significativas na educação do surdo.

Atendendo à grande maioria de deficientes auditivos do estado do Rio de Janeiro, o atendimento no INES apresenta características bem diferentes daquelas de outras instituições, uma vez que diversos fatores interferem no trabalho especializado, sendo eles assim identificados:

- dificuldade no diagnóstico diferencial;
- problemas administrativos sobrepondo-se às ne-

*Therezinha Verardo Salles é professora especializada em deficiência auditiva, especialista em Educação Precoce, coordenadora de apoio à comunidade do INES

cessidades pedagógicas;

— sobrecarga da equipe interdisciplinar, pela carência de recursos humanos;

— situação sócio-econômica precária da família, contextualizada num quadro sócio político dramático.

— dificuldade de aquisição e manutenção da prótese auditiva;

— estimulação ambiental reduzida ao período passado na escola, com pouca continuidade desta no lar.

Dentro deste contexto, fundamentados não só por estudos, mas também pela vasta experiência com o deficiente auditivo, os profissionais do INES adotaram a abordagem multissensorial, mais condizente com as peculiaridades da instituição e mais adequada a sua clientela, que em sua vasta maioria chega à instituição com um déficit global, associado à deficiência auditiva, pela pouca estimulação ambiental, deficiências nutricionais, com prejuízo nos aspectos cognitivos, sociais e emocionais, dificultando ainda mais a aquisição de linguagem oral e conseqüente bloqueio no aprendizado de leitura.

Desta forma, o INES adota como filosofia de trabalho atender inicialmente o aspecto emocional da criança surda e de sua família, transmitindo-lhes segurança, compreensão e apoio.

O trabalho educativo é centrado na visão de que a criança portadora de deficiência auditiva é um todo, um ser integral. As atividades propostas e o modo de conduzi-las giram em torno da criança, de suas possibilidades e limitações, de suas características individuais e ritmo de aprendizagem.

Embora a metodologia do INES tenha tradição oralista, assume uma abordagem multissensorial mais aplicável e adequada a cada tipo e grau da deficiência auditiva, atendendo aos aspectos e níveis do desenvolvimento da criança, considerando que a estimulação auditiva, o uso da pista visual, os gestos naturais e indicativos e outras formas de comunicação são facilitadores da aprendizagem da criança surda.

A abordagem multisensorial enfatiza a necessidade do uso da pista visual pois "o surdo é mais um ser visual e todas as suas possibilidades estão nos olhos. Para entender e recordar, necessita primeiramente ver" (Perelló y Tortosa). Assim, a escrita, o desenho, as ilustrações, o objeto real, facilitam a compreensão do vocabulário, da frase ou texto.

É também enfatizada a necessidade da estimulação dos restos auditivos, existentes na maioria das crianças portadoras de deficiência da audição, para torná-las funcionais. A estimulação auditiva é desenvolvida seguindo-se as etapas do desenvolvimento da audição da criança ouvinte. São assim trabalhados: consciência

do mundo sonoro; atenção ao som; localização do som. São utilizados na estimulação auditiva sons vocais, ambientais e musicais.

O trabalho de linguagem oral, nos aspectos fonológico, semântico e sintático, é desenvolvido nesta metodologia, com ênfase na entonação, agindo na recepção e emissão da criança surda. Seguindo-se as etapas do desenvolvimento da linguagem oral na criança ouvinte, retoma-se o balbúcio tentando-se estabelecer o *feedback* acústico.

São usados na pré-linguagem balbúcios, vocalizações, onomatopéias e interjeições. Já na linguagem, usamos o nome da criança, substantivos, adjetivos, advérbios e pequenas expressões. As pistas visuais, o tato, a amplificação sonora são usados nos trabalhos de desmutização e oralização.

A leitura orofacial é também exercitada concomitante ao ensino de linguagem oral e preparo da leitura e escrita.

Na aquisição de uma comunicação para que a criança possa expressar seus sentimentos e necessidades são usadas expressões faciais, corporais, gestos codificados ou não, linguagem oral e o próprio contexto da situação.

Além da estimulação auditiva como atividade básica para o desenvolvimento lingüístico, trabalham-se também as habilidades percepto-motoras, pois não só o desenvolvimento da linguagem oral é beneficiado, como também todo o desenvolvimento global da criança.

A atividade motora é amplamente trabalhada, já que a "interrelação atividade motora-ação mental passa no transcurso do desenvolvimento a ser ação mental, o que, por certo, permite a aquisição e posterior uso de instrumento tão especificamente humano como é a linguagem" (Quirós).

O trabalho é feito sempre dentro do interesse de vivências da criança e também de notícias e fatos atuais, respeitando-se o seu nível de desenvolvimento.

A afetividade, a valorização do aluno, o estímulo constante estão sempre presentes na atitude de todos que lidam com o deficiente auditivo, pois supõe-se que o ensino deva respeitar emoções e sentimentos, enfatizando os fatores mais importantes na dinâmica da aprendizagem.

Assim, o INES, além da abordagem multissensorial, acredita que uma relação de afetividade, que a compreensão das limitações e a valorização das possibilidades da criança surda favorecem não só o seu desenvolvimento emocional e social, como também o seu desenvolvimento intelectual.